

TRADUZIR LATIM

Antonio Martinez Rezende¹

Resumo

Este artigo discute acerca da tradução do latim, enfatizando aspectos de natureza linguística, técnica e cultural, envolvidos no processo. Os autores latinos Quintiliano, Tácito e Ovídio formam a base de exemplificação.

Palavras-chave: Linguística. Tradução. Latim.

Abstract

This article discusses the translation of Latin, emphasizing aspects of linguistic, technical and cultural nature, involved in the process. The Latin authors Quintilianus, Tacitus and Ovid form the basis of exemplification.

Keywords : Linguistics. Translation. Latin.

A ingente tarefa de traduzir latim começa pela decifração e reconstrução de códigos linguísticos e segue fazendo-se complexa por infindáveis desafios de natureza técnica, de ordem cultural e por armadilhas que se vão impondo ao tradutor.

Podemos dimensionar essa dificuldade fazendo um caminho inverso, isto é, passando do português ao latim. Silva Bêlkior verteu para o latim, entre outros, o célebre poema de Carlos Drummond de Andrade *No meio do caminho*². A frase “No meio do caminho tinha uma pedra” resultou em *Media in uia erat lapis*. Se, do ponto de vista do conteúdo “linear” e da estrutura gramatical observa-se certa equivalência, ficou irremediavelmente perdido, na versão latina, o fato linguístico e cultural mais relevante na história do poema. À época da publicação, Drummond ousara afrontar os preceitos da norma gramatical ao utilizar, em língua escrita culta, o verbo “ter”, da língua coloquial, com o sentido existencial.

Quão incontáveis “intraduzíveis” se nos colocam na travessia do latim ao português? Há aqueles de identificação possível como, por exemplo, o fato de que não somos o destinatário primeiro do texto, ou a inquestionável certeza de que o lapso de tempo entre “nós” e “eles”, os romanos, vai além de dois mil anos. Há também os insuspeitáveis, no mesmo nível da versão de “tinha” por *erat*.

A distância temporal, no entanto, não é definitivamente uma barreira de todo intransponível, principalmente se se considera que o texto foi fixado em língua

¹ Professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG, Brasil). antoniomartinez.rezende@gmail.com

² Acesso em 15/08/2018: <http://latim.blogspot.com/2005/02/c-drummond-de-andrade-em-latim.html>

escrita, registrado em um suporte material para que pudesse ser veiculado através das eras e em meio a diferentes povos. Acresça-se a isto a intuitiva percepção de Quintiliano, ao dizer, em outras palavras, que um poeta, quando escreve, quer ver sua obra perpetuada: “Que número tão pequeno de escritores pode, em verdade, ser encontrado e tão demente que não tenha esperado pertencer à memória da posteridade, ainda que na pálida confiança em alguma parte de sua obra?”³ (Rezende, 2010, 187).

O certo é que traduções foram, estão sendo e continuarão a ser feitas, principalmente porque é absolutamente necessário renovar, atualizá-las, na perspectiva de que “a cada tempo, os seus interesses e um discurso condizente”.

Quando falamos de traduzir latim, não nos podemos furtar à profunda reflexão, que se lê em “Antiguidade clássica: uma brevíssima introdução” (Beard e Henderson, 1998.):

A Antiguidade clássica é um tema que existe na defasagem entre nós e o mundo dos gregos e romanos. As questões levantadas pelos clássicos são as questões levantadas pela distância que nos separa do mundo “deles” e, ao mesmo tempo, pela proximidade e pela familiaridade desse mundo para nós em nossos museus, em nossa literatura, em nossas línguas, cultura e modos de pensar.” (Beard e Henderson, 1998, 20).

Entende-se, assim, que “defasagem” passa a ter o sentido de uma sucessão, superposição de fases, uma continuidade, que se constrói e se consolida, em mediações perenes, entre o agora e o mundo dos antigos. O nosso olhar e as nossas percepções das antigas civilizações, por mais que os queiramos diretos, são mediados pelas culturas que as preservaram e transmitiram a nós. Mas, mesmo assim, ler um texto em latim é frequentemente a ousadia de fazer a leitura que nos permitimos, negligenciada toda a racionalidade das teorizações e com toda a licença de que não há a quem pedir licença. E nessa leitura reside a tradução.

Faz parte também da “defasagem” o próprio texto latino: uma vez que não existem mais os textos autógrafos⁴, em outras palavras, não se tem certeza de como teriam sido, de fato, os originais latinos, assinados por seus autores, resta, pois, confiar em uma edição crítica, ou não, legada pela tradição; ou o tradutor terá, ele mesmo, de fazer o papel de editor crítico no estabelecimento do texto que servirá de base para sua tradução. Nessas condições, o tradutor estaria também fazendo intervenções, mesmo que breves, no texto de origem, para, então, oferecê-lo na língua de chegada. O texto antigo amplia, assim, o seu status de pluralidade, na medida em que pode ser reescrito em muito mais de uma versão.

A especulação sobre e o exercício de traduzir fizeram parte das atividades intelectuais dos romanos letrados e entre eles vamos encontrar registros, provavelmente os mais antigos, de manifestações, com alguma proximidade do que

³Quotus enim quisque inueniri tam demens potest qui ne minima quidem alicuius certe fiducia partis memoriam posteritatis sperauerit? (Institutio, X,1. 41).

⁴Os textos gregos e latinos, pertencentes ao período chamado clássico, foram estabelecidos, em grande parte, com base em manuscritos dos séculos XI a XII da nossa era, geralmente remanescentes de bibliotecas de antigos mosteiros.

poderíamos classificar hoje como uma teorização. É o que lemos em *De optimo genere oratorum*, de Cícero⁵:

Traduzi, então, dos áticos dois discursos notáveis e contrários entre si, um de Ésquino, outro de Demóstenes, autores dos mais eloquentes. E não os traduzi como um tradutor, mas como um orador, usando os mesmos argumentos, tanto na sua forma quanto nas suas figuras de linguagem, em termos adequados à nossa cultura. Para tanto, não considere necessário verter palavra por palavra, mas mantive inteiro o gênero das palavras e sua força expressiva. Não julguei que fosse apropriado contabilizar as palavras para o leitor, mas como que sopesá-las. (CICERO, 2011).

Sobre esta e outras passagens, Mauri Furlan (2001) comenta:

No entanto, estes poucos testemunhos do passado dão a conhecer a clara existência de ao menos duas formas de tradução praticadas entre eles, a tradução de palavra por palavra ou “técnica” (Serés) e a tradução parafrástica, criativa ou retórica; ou, em outros termos, a tradução gramatical e a retórica. (FURLAN, 25, 2001).

Nessa linha de raciocínio, incorporando as duas formas praticadas pelos romanos, caminhamos na tradução do latim: antes de mais nada, o exercício de traduzir palavra por palavra é uma primeira e indispensável etapa, sem a qual não se pode alcançar outros níveis, como a tradução “retórica”, ou chegar a uma tradução “artística”.

Com certeza causarão impactos na tradução as estratégias pedagógicas pelas quais se adquire uma língua estrangeira. Diferentemente das línguas contemporâneas, que permitem a interlocução em tempo real, o processo de aquisição e domínio de uma língua antiga acontece, sobretudo, pela fixação, memorização, em atitude absolutamente racional, de padrões linguísticos de registro literário culto. Resta impossibilitada uma conversação real, negligencia-se, então, o elemento fundamental da comunicação humana, que é a acústica, a voz soante. Em razão disso, no que diz respeito à língua latina, somos leitores, apenas, silenciosos e passivos ao texto, pois jamais poderíamos escrever, ou falar como um romano nativo. Se, no entanto, ousarmos falar ou escrever, essa ousadia estará condicionada e limitada a replicar o vocabulário, as estruturas morfossintáticas e os recursos estilísticos catalogados pelos “gramáticos” nos textos literários latinos. Mesmo diante da inquestionável certeza de que o português é uma continuidade do latim, há de se levar em conta as imensas distâncias temporais e culturais entre as duas línguas, de tal modo que a esse leitor seja inevitável uma postura idêntica à de quem se encontra diante de um texto em língua estrangeira.

⁵[14] *Converti enim ex Atticis duorum eloquentissimorum nobilissimas orationes inter seque contrarias, Aeschinis et Demosthenis; nec converti ut interpretes, sed ut orator, sententiis isdem et earum formis tamquam figuris, verbis ad nostram consuetudinem aptis. In quibus non verbum pro verbo necesse habui reddere, sed genus omne verborum vimque servavi. Non enim ea me adnumerare lectori putavi oportere, sed tamquam appendere.*

Sejam quais forem a natureza do texto em latim, gênero, ou público destinatário, para sua tradução, o esforço requerido e o cuidado são sempre grandes. Tomemos como exemplos três peças de três diferentes autores: o Livro X da *Institutio Oratoria*, de Quintiliano, o *Diálogo dos Oradores*, de Tácito e o Livro XIV das *Metamorfoses*, de Ovídio.

Em um momento inspirado para escrita “técnico-acadêmica”, Quintiliano legou-nos uma obra genial. Segundo ele mesmo confessa, foi a necessidade de satisfazer a uma demanda insistente, para que transformasse em texto publicado as lições de oratória de que se ocupara durante grande parte da vida⁶. Mais do que um tratado técnico sobre a arte, a *Institutio oratoria* é um projeto de futuro, pois visa a disponibilizar todo um instrumental a serviço da formação do orador que venha a ser considerado excelente. A obra inteira é marcada por um intenso trabalho de “ensinar a fazer, fazendo”, diríamos. É assim que, ao descrever e recomendar estratégias de formulação de um discurso adequado, eficiente e elegante, ele próprio sedimentando os cânones que propõe, constrói um discurso profundamente compatível com toda a “teorização” que está expondo. A linguagem, mesmo em se tratando de uma obra “acadêmica”, é altamente elaborada, expressiva, tecnicamente impecável e elegante, por vezes tão condensada que se torna sério desafio ao tradutor “espelhar”, de algum modo, seu discurso, prova disto é que, entre outras razões, somente a partir de 2015/2016 se publica, pela primeira vez, no Brasil, a tradução completa dos 12 livros de que se compõe⁷.

O Livro X, cuja tradução publicamos em 2010 (Rezende, 2010), é das mais significativas partes da obra, pois aí se fala, com especial destaque, do papel da literatura na formação do orador. Partindo da constatação de que a oratória é “fala em presença”, e de que o orador “é o que ele diz”, Quintiliano, para adequar-se às circunstâncias de seu tempo⁸, tem como centro uma figura humana moralmente honrada, o *uir bonus*⁹. A busca desse indivíduo transparece até mesmo quando disserta sobre literatura, pois a obra literária é tratada, sobretudo, na perspectiva do homem que a escreveu. Não fala, por exemplo, de *Ilíada* ou de *Odisseia*, mas de Homero:

<i>... ita nos rite coepturi ab Homero uidemur. Hic enim, [...], omnibus eloquentiae partibus exemplum et ortum dedit. [...] Idem laetus ac pressus, iucundus et grauis, tum copia tum breuitate mirabilis, nec poetica modo sed oratoria uirtute</i>	...tenho por mim que, exatamente como um rito, havemos de começar por Homero. [...] Assim, ele próprio como que deu origem e serviu de exemplo a todas as partes da eloquência. [...] Ele tanto é fecundo, quanto conciso, prazeroso e grave, admirável na abundância como na parcimônia; o mais
---	--

⁶Efflagitasti cotidiano convicio, ut libros, quos ad Marcellum meum de Institutione oratoria scripseram iam emittere inciperem. (Com insistente “falatório” me solicitaste que publicasse os livros sobre a formação oratória, os quais eu havia escrito para o meu Marcelo).

⁷Trata-se do título *Instituição Oratória*, tradução feita pelo Professor Bruno Fregni Bassetto e publicada, em 4 volumes, pela Editora UNICAMP.

⁸O tempo a que nos referimos é o da dinastia Flávia, entre 69 e 96 d.C., constituída pelos imperadores Vespasiano, Tito e Domiciano, a cuja “casa” Quintiliano serviu. Após o final dramático da dinastia Júlio-claudiana – em especial, Calígula, Cláudio e Nero, que imperaram entre 37 e 68 d.C. – se faziam necessários novo discurso, nova ordem social e política, nova imagem do “*princeps*”.

⁹A expressão com a qual se define o orador é atribuída a Catão (234 ~ 149 a.C.): *uir bonus dicendi peritus* (*Rhet. ad Her.*, 14,1).

eminentissimus. (Inst., X,1,46).

elevado não somente por seu vigor poético, mas também pela força oratória (Rezende, 2010, 209).

Muito menos fala das *Metamorfoses*, mas do autor:

Lascivus quidem in herois quoque Ovidius et nimium amator ingenii sui, laudandus tamen partibus. (Inst., X,1,88).

Lascivo de verdade em seus versos heroicos, Ovídio é também excessivo amante do próprio talento. Mesmo assim, porém, há de ser elogiado em algumas partes específicas (Rezende, 2010, 209).

E, assim, Quintiliano traça um panorama da literatura, isto é, dos autores que julga recomendáveis ao orador em formação. Ao traduzir o texto buscamos reconstruir e enfatizar esta forma de abordagem, entendendo que não se trata de ingenuidade, ou de deficiência no conhecimento da literatura por parte de Quintiliano, mas de atribuição de valores, reais e simbólicos, a um procedimento civilizador¹⁰, a leitura, na construção de identidades humanas.

Exemplifiquemos, sem comentários, com um pequeno trecho o que dissemos a respeito da construção textual e argumentativa de Quintiliano. No livro X, capítulo VII, que trata da improvisação, lê-se:

XXII. Si qua tamen fortuna tam subitam fecerit agendi necessitatem, mobiliore quodam opus erit ingenio, et uis omnis intendenda rebus, et in praesentia remittendum aliquid ex cura uerborum, si consequi utrumque non dabitur. tum et tardior pronuntiatio moras habet et suspensa ac uelut dubitans oratio, ut tamen deliberare, non haesitare uideamur.

22. Se, no entanto, o acaso tiver imposto a necessidade urgente de atuar em um processo, será necessária a engenhosidade de uma inteligência ágil; todo o vigor deve ser aplicado ao assunto e, no momento, deve-se relaxar um pouco o cuidado com as palavras, se não for possível tratamento idêntico ao tema e às palavras. Nessas circunstâncias, uma pronúncia mais lenta e pausada ocupará mais tempo e o discurso fluirá como que vacilante, mas é preciso dar a impressão de que se está em deliberação, nunca em hesitação.

XXIII. Hoc dum egredimur e portu, si nos nondum aptatis satis armamentis aget uentus, deinde paulatim simul euntes aptabimus uela et disponemus rudentes et impleri sinus optabimus. Id potius quam se inani uerborum torrenti dare quasi tempestatibus quo uolent auferendum. (Institutio, X,VII).

23 Exatamente isso acontece, quando nos afastamos do porto, numa situação em que o vento nos impele, sem terem sido preparados os instrumentos de navegação. Logo depois, pouco a pouco, à medida que avançamos, aprontamos as velas, arranjamos as cordas e fazemos votos de que se tornem inflados os seios das velas. Antes é preferível isso do que se entregar a um vazio turbilhão de palavras e como que ser arrastado pelas tempestades aonde quer que elas queiram. (Rezende, 2010,

¹⁰O termo *ciuis* (do qual derivamos, por exemplo, civil, cidade, cidadão) em latim significa: o indivíduo humano, que se reconhece humano na sua relação com os outros humanos.

Traduzimos Quintiliano na convicção de que traduzir é fazer uma leitura muito particular, uma a mais no universo das leituras possíveis.

Ao traduzir o *Diálogo dos Oradores*¹¹, de Tácito, nos colocamos, quase que na mesma condição de Cícero, este ao dizer que traduziu “dois discursos notáveis e contrários entre si”. De fato, enquanto Quintiliano faz um projeto de orador, busca um futuro, Tácito constata que seu presente se encontra distante de conquistas passadas e lamenta que não haja mais espaço para a oratória: “... enquanto os séculos anteriores floresceram nos talentos e na glória de tantos oradores eminentes, a nossa época, verdadeiramente abandonada e privada do mérito da eloquência, dificilmente mantém a própria palavra ‘orador’” (TÁCITO, 2014, 21).

O texto, escrito na forma tradicional do diálogo filosófico, coloca em cena quatro oradores eminentes¹², na verdade, membros da classe senatorial, que discutem, entre outras coisas, sobre os caminhos da oratória¹³. É preciso lembrar que a oratória romana teve duas fases bem distintas: a republicana, que vigorou até os tempos de Cícero, e a imperial, praticada a partir consolidação do império, por Augusto. O que sustenta o discurso de Tácito é o entendimento de que em um regime imperial, ditatorial, o governo na mão de um só, a antiga oratória de viés republicano perdera o sentido. Se, em tempos de República, as decisões políticas emanavam de debates, nas assembleias, em especial no Senado, no Império, porém, ao imperador unicamente cabia o poder de decisão. O que se coloca em evidência, enfim, é o fato de que oratória e política sempre estiveram estreitamente associadas. Naquele momento extremo, Tácito sugere, então, uma nova imagem, novo papel para o orador: que ele assuma a condição de poeta. É no personagem Materno, em cuja casa se refugiam os interlocutores e acontece o diálogo, que Tácito delineia essa nova figura de orador: em ambiente doméstico, não em praça pública, seguro contra os eventuais delatores, Materno se entrega à literatura, à condição de autor de peças teatrais.

Em tons de prosa vívida e colorida, acontecem as interações, os diálogos, que às vezes se tecem de modo severo, com posicionamentos e ideias marcadamente conflitantes, mas conduzidas, acima de tudo, de maneira cordial. O texto, tal como se nos apresenta, revela que somente poderia vir de um autor que não apenas dominava teoricamente o tema e as sutilezas da oratória, mas também punha em prática todo instrumental dessa arte na construção de seus textos. A nossa tradução, com todos os percalços da “defasagem”, procurou incorporar o tom solene das falas reverentes, por exemplo, mantendo a segunda pessoa, tu e vós, valendo-se de vocabulário e de construções sintáticas compatíveis com as figuras de cidadãos letrados e honoráveis; tentou-se ainda reproduzir o clima dos momentos críticos, de marcação de posições, quando se sobrelevavam tons mais contundentes, ou, então, se recorria aos artifícios

¹¹ A tradução do “Diálogo” foi, inicialmente, uma atividade de monitoria de latim, exercida pela estudante de graduação Júlia Avellar.

¹²Respectivamente, Áper, Materno, JúlioSegundo e VipstanoMessala.

¹³E também questionam sobre a própria sobrevivência política, como descreve Fábio Joly, no prefácio “O *Diálogo dos oradores* e a obra de Tácito”: “O diálogo que Tácito relata sobre o declínio da eloquência, a partir da intervenção de quatro senadores, não é tão somente uma reflexão de cunho literário ou oratório. Trata-se de um pensamento acerca de como conciliar discurso e ação no contexto político específico do Principado em que não apenas o imperador mostra-se reticente quanto a críticas indiretas e indícios de oposição, mas sobretudo os aristocratas lutam entre si por prestígio.” (TÁCITO, 2014, 11)

da fina ironia. Tentamos exemplificar, através dos trechos selecionados, algumas das situações referidas.

O interlocutor Áper faz uma breve apresentação dos outros três oradores:

Vos uero, [uir] disertissimi, ut potestis, ut facitis, inlustrate saeculum nostrum pulcherrimo genere dicendi. Nam et te, Messalla, uideo laetissima quaeque antiquorum imitantem, et uos, Materne ac Secunde, ita grauitati sensuum nitorem et cultum uerborum miscetis, ea electio inuentionis, is ordo rerum, ea, quotiens causa poscit, ubertas, ea, quotiens permittit, breuitas, is compositionis decor, ea sententiarum planitas est, sic exprimitis adfectus, sic libertatem temperatis, ut etiam si nostra iudicia malignitas et inuidia tardauerit, uerum de uobis dicturi sint posterii nostri." (Tacitus, Dialogus, XXIII).

XXIII.5. "Em verdade, vós, ó homens os mais eloquentes, da forma como sois capazes e costumais fazer, ilustrai o nosso século com o mais belo gênero de eloquência. Com efeito, vejo-te, Messala, imitador do que há de mais produtivo nos antigos; quanto a vós, Materno e Segundo, de tal modo misturais à seriedade o brilho dos sentidos e o ornamento das palavras; tais são os critérios da invenção, tal a ordenação das ideias, tal a fecundidade – todas as vezes que a causa exige –, tal a brevidade – todas as vezes que permite –, tal o decoro da composição, tal a simplicidade das sentenças, de tal modo exprimis as disposições de espírito e moderais a liberdade, que mesmo que a maldade e a inveja nos tenham retardado os juízos, os nossos pósteros hão de dizer a verdade sobre vós." (TÁCITO, 2014, 75).

Materno defende a poesia, atacada por Áper:

perturbarer hac tua seueritate, nisi frequens et assidua nobis contentio iam prope in consuetudinem uertisset. Nam nec tu agitare et insequi poetas intermittis, et ego, cui desidiam aduocationum obicis, cotidianum hoc patrociniū defendendae aduersus te poeticae exerceo. (Tacitus, Dialogus, IV).

IV. 1.: "Eu me perturbaria com essa tua severidade, se a frequente e assídua discussão entre nós já não tivesse se transformado quase que em um costume. Em verdade, tu não cessas de atormentar e atacar os poetas; mas eu, a quem censuras o descaso em relação à advocacia, exerço contra ti este permanente encargo de fazer defendida a poesia. (TÁCITO, 2014, 25-26).

Áper destaca o valor da oratória em tempos de império:

cuius uis et utilitas rebus prospere fluentibus aliorum perfugio et tutela intellegitur: sin proprium periculum increpuit, non hercule lorica et gladius in acie firmitus munimentum quam reo et periclitanti eloquentia, praesidium simul ac telum, quo propugnare pariter et incessere siue in iudicio siue in senatu siue apud

V. 5. A sua força e utilidade, estando as coisas a fluir prosperamente, entendem-se como um refúgio dos outros e uma proteção; se, pelo contrário, o próprio perigo já se manifestou, por Hércules, nem a couraça, nem a espada numa batalha, é proteção mais firme para o réu e para os que estão em perigo; arma de proteção e ao mesmo tempo um dardo, com o que se pode tanto agir em

principem possis. (Tacitus, Dialogus, V).

defesa, quanto fazer o ataque, seja no tribunal, seja no Senado, ou junto ao príncipe. (TÁCITO, 2014, 29).

Messala aponta descaminhos da oratória de seu tempo:

Ceterum si omissio optimo illo et perfectissimo genere eloquentiae eligenda sit forma dicendi, [...] adeo melius est orationem uel hirta toga induere quam fucatis et meretriciis uestibus insignire. Neque enim oratorius iste, immo hercule ne uiriliter quidem cultus est, quo plerique temporum nostrorum actores ita utuntur, ut lasciui uerborum et leuitate sententiarum et licentia compositionis histrionalis modos expriment. Quodque uix auditu fas esse debeat, laudis et gloriae et ingenii loco plerique iactant cantari saltarique commentarios suos. unde oritur illa foeda et praepostera, sed tamen frequens [sicut his clam et] exclamatio, ut oratores nostri tenere dicere, histriones diserte saltare dicantur.
(Tacitus, Dialogus, XXVI).

XXVI. 1. Além de tudo isso, se, posto à parte aquele ótimo e pleníssimo gênero da eloquência, for preciso escolher uma forma de falar [...] pois é melhor vestir o discurso com uma toga de tecido grosseiro do que destacá-lo com vestes vermelhas e de meretriz.

2. Com efeito, por Hércules, não é no fundo muito viril essa forma de oratória, a mesma de que os atores dos nossos tempos em sua maioria utilizam; assim passam a impressão de música histriônica pela lascívia das palavras, pela banalidade das sentenças e pela permissividade da composição.

3. E há aquilo que nem mesmo deveria ser permitido ouvir: a maioria ufana-se, como reconhecimento de louvor, de glória e de talento, do fato de seus discursos poderem ser até cantados e dançados. Daí se origina aquela repugnante e despropositada exclamação, todavia frequente, de que nossos oradores discursam delicadamente e os histriões dançam eloquentemente. (TÁCITO, 2014, 79-81).

Tácito, através da fala de Áper, tece, com refinada ironia, o valor da oratória sob o regime imperial:

Quod si inueniretur aliqua ciuitas, in qua nemo peccaret, superuacua esset inter innocentis orator sicut inter sanos medicus. Quo modo tamen minimum usus minimumque profectus ars medentis habet in iis gentibus, quae firmissima ualetudine ac saluberrimis corporibus utuntur, sic minor oratorum honor obscuriorque gloria est inter bonos mores et in obsequium regentis paratos.
(Tacitus, Dialogus, XLI)

XLI. 3. Porque se se encontrasse alguma comunidade em que ninguém cometesse um erro, o orador seria um inútil entre os incapazes de cometer crime, assim como um médico entre os sãos. Do mesmo modo que a arte do médico tem mínima utilidade e mínimo proveito entre aquelas gentes que gozam de saúde extremamente boa e de um corpo muito saudável, menor é a honra e mais obscura a glória dos oradores entre os de bons costumes e os que estão prontos para a obediência àquele que governa. (TÁCITO, 2014, 119).

As *Metamorfoses*, de Ovídio, constituem, inquestionavelmente, um dos ápices da literatura latina. O longo poema de 11.997 versos, dividido em 15 livros, foi

publicado em edição bilíngue, pela Editora da UFSC, em 2017. A tarefa coube a 16 tradutores, e nos encarregamos da tradução do Livro XIV.

A tentativa de dar certa unidade ao texto levou os Organizadores¹⁴ à seguinte recomendação:

Sobre o formato: optamos pelo formato de prosa poética. Os versos hexâmetros latinos, por sua extensão, aproximam-se de certa forma da fluência da prosa, desta diferindo, sobretudo, por causa do ritmo próprio que produzem. Aceitamos que a prosa poética é uma forma que, por transitar entre a prosa e a poesia, possibilita muitos recursos para se trabalhar a forma no texto de chegada, próximo do original. (OVÍDIO, 2017, 23).

Antes de tudo é preciso considerar que a literatura antiga, em especial a poesia, tinha como destino a leitura pública¹⁵, em voz alta, o que levava o autor a acentuar todos os elementos acústicos em seu texto. Não sem razão é que a palavra *carmen* (= poema) se assenta na mesma raiz do verbo *cano* (=cantar). De fato, reescrever em língua portuguesa um poema latino não é tarefa para um simples tradutor, mas para um poeta-tradutor. São abissais as diferenças entre as duas línguas, no que diz respeito a esquemas métricos, organização dos componentes fônicos, estruturação morfossintática e base lexical¹⁶. Somente experimentados poetas estariam qualificados para “traduzir” poema por poema, daí a conveniência de se recorrer à prosa poética. Em verdade, esta modalidade de escrita já era conhecida dos romanos, conforme se lê em Quintiliano. Ao recomendar o segundo grupo de leituras¹⁷, os historiadores, ele destaca a linguagem:

Est enim proxima poetis, et quodam modo carmen solutum est, et scribitur ad narrandum, non ad probandum, totumque opus non ad actum rei pugnamque praesentem sed ad memoriam posteritatis et ingenii famam componitur: ideoque et verbis remotioribus et liberioribus figuris narrandi taedium evitat. (Institutio,X,1,31).
É, seguramente, próxima aos poetas e, em certa medida, um poema em prosa; é escrita para narrar, não para provar; é um tipo de obra que, na sua totalidade, se compõe não para o concretizar de um fato e para um combate imediato, mas para a memória da posteridade e para a fama de uma genialidade. Sendo assim, tanto pelas palavras pouco usuais quanto por figuras mais livres, a história evita o tédio do narrar. (Institutio X,1,31).

¹⁴ São organizadores da edição Mauri Furlan, Professor da Universidade Federal de Santa Catarina, e Zilma Gessner Nunes.

¹⁵ O fato de a obra literária ter como destino primordial o “ouvido” se explica, sobretudo pelas dificuldades materiais (papiro e pergaminho, por exemplo, eram de custo alto) de se replicar um “livro”. Era, ainda, pequeno o número dos que realmente sabiam ler e, dessa forma, podiam-se “incluir” no mundo da literatura. A leitura pública, em ambiente selecionado, era também o expediente de “revisão final” de um texto, antes de sua publicação definitiva.

¹⁶ Como exemplo, tomemos um pequeno trecho das Metamorfoses, Livro XIV, em que se representam graficamente alguns dos elementos fônicos: quantidades, cesuras, as sílabas “fortes”. Fonte: OVIDE, corpus poetarum latinorum.

¹⁷ Segundo Quintiliano, devem-se ler, nesta ordem, os poetas, os historiadores, os filósofos e os outros oradores.

A refinada sensibilidade, o brilho estético e a versatilidade no trato com as palavras fazem de Ovídio o Poeta das insuperáveis Metamorfoses. Um clima de fantástica magia domina a obra e transfere para um universo de encantamento o que é vida no mundo real e o que é realidade somente no mundo da ficção. Assim, Ovídio universaliza Roma na universalidade das paixões humanas, que se tecem sejam de lendas, mitos, fábulas, contos, ou de histórias¹⁸. Esse enredo de “engenho e arte”¹⁹ torna pasmo qualquer tradutor que se proponha a dar-lhe uma língua estrangeira e, ao mesmo tempo, torna-o instigado a superar esse desafio. Neste sentido é que entendemos e particularizamos a afirmação de Mauri Furlan, quando diz que “tradução é metamorfose”²⁰, em verdade, As Metamorfoses sugerem, suscitam novas metamorfoses, recriações, reescritas, exemplifiquemos:

O lamento final da Sibila de Cumas dá a dimensão de uma verdadeira metamorfose. Nessa passagem, descreve-se uma metamorfose inevitável, própria da mortal condição humana: a “invisibilidade” que acomete a velhice.

*Sed iam felicior aetas
terga dedit, tremuloque gradu venit aegra
senectus,
quae patienda diu est. nam iam mihi saecula
septem
acta, tamen superest, numeros ut pulveris
aequem,
ter centum messes, ter centum musta videre.
tempus erit, cum de tanto me corpore parvam
longa dies faciet, consumptaque membra
senecta
ad minimum redigentur onus: nec amata
videbor
nec placuisse deo, Phoebus quoque forsitan
ipse
vel non cognoscet, vel dilexisse negabit:
usque adeo mutata ferar nullique videnda,
voce tamen noscar; vocem mihi fata
relinquent.*

(Ovidius, Metamorphoseon, XIV,142-153).

Mas aquela fase feliz da vida me deu as costas, em passo trêmulo veio a doentia velhice, que há de ser duradouramente sofrida. Até agora, para mim, são sete séculos vividos, e ainda resta, para que iguale, em número, aos grãos de cinza, eu assistir a três centenas de colheitas, três vezes cem, a pisa da uva. Tempo haverá, em que o longo dia, desgastando-me de tamanho corpo, me tornará pequena: os membros consumidos pela velhice me reduzirão a um peso mínimo. Nem parecerei ter um dia sido amada, muito menos, ter encantado a um deus. O próprio Febo, muito provavelmente, não me reconhecerá, ou negará ter-me amado: de tal maneira haverei de seguir mudada, e visível a ninguém. Pela voz, no entanto, serei reconhecida: os fados me deixarão somente voz. (Ovídio, 2017,619).

¹⁸ “Ovídio compõe, em versos hexâmetros, um longo poema, em quinze livros, encadeando cerca de duzentas e cinquenta lendas etiológicas que mostram a origem dos mais diversos seres (mares, astros, fontes, plantas, animais) como produtos de metamorfoses” (CARDOSO, 2011, 83).

¹⁹ Camões, Lusíadas, Canto I, 2, 8.

²⁰ “Tradução é metamorfose. E nessa metamorfose se encontra a maior possibilidade de os grandes textos literários, os clássicos, serem lidos universalmente. A tradução é um prolongamento inevitável da literatura e deve prestar contas a ela” (Ovídio, 2017, 17).

A transmutação de humano em vegetal faz parte de um outro nível de metamorfose:

*inprobat has pastor saltuque imitatus
agresti
addidit obscenis convicia rustica dictis,
nec prius os tacuit, quam guttura condidit
arbor:
arbor enim est, sucoque licet cognoscere
mores.
quippe notam linguae bacis oleaster
amaris
exhibet: asperitas verborum cessit in illa.*
(Ovidius, Metamorphoseon, XIV, 523-526).

O pastor as reprova e, tendo-as imitado com salto selvagem, acrescentou gritaria grosseira a ditos obscenos. E não mais calou sua boca, até que uma árvore suplantou sua goela. Agora ele é, de verdade, uma árvore e que se pode saber, pelo sumo, o seu modo de ser. O fato é que o azambujeiro exibe o caráter da língua pelas bagas amargas: a aspereza das palavras passou a elas. (Ovídio, 2017, 639-641).

Até mesmo uma cidade, reduzida a cinzas, se metamorfoseia em ave:

*tandemque Venus victricia nati
arma videt, Turnusque cadit: cadit Ardea,
Turno
sospite dicta potens; quam postquam
barbarus ignis
abstulit et tepida latuerunt tecta favilla,
congerie e media tum primum cognita
praepes
subvolat et cineres plausis everberat alis.
et sonus et macies et pallor et omnia, captam
quae deceant urbem, nomen quoque mansit
in illa
urbis, et ipsa suis deplangitur Ardea pennis.*
(Ovidius, Metamorphoseon, XIV, 572-580).

Finalmente, Vênus vê as armas vencedoras de seu filho: Turno cai. Turno ainda vivo, cai Árdea, a cidade chamada Poderosa. Depois que o fogo bárbaro a consumiu, e as casas se esconderam sob a cinza quente, do meio da destruição sobe voando, pela primeira vez conhecida, uma ave que, batidas as asas, agita as cinzas. O som, a magreza, a palidez e tudo que convém a uma cidade capturada, até mesmo o nome daquela cidade, permaneceu naquela ave. E assim, essa mesma Árdea se lamenta plangentemente nas próprias penas. (Ovídio, 2017, 643).

São próprios da oratória romana, e da retórica em geral, os conceitos de imitação (*imitatio*) e emulação (*aemulatio*), que ainda hoje são frequentes, com sentido, muitas vezes, próximo ao de que se utilizavam entre os clássicos. Seria pertinente aplicá-los ao fazer tradutório, entendendo por imitação o texto que fosse elaborado com o propósito de ser equivalente ao de partida, enquanto que pela emulação, na língua de chegada, o texto pretendesse ir além do seu original? Que sobre isso pensem os tradutores e isso ousem os poetas-tradutores.

Referências

BEARD, M.; HENDERSON, J. *Antiguidade clássica: uma brevíssima introdução*. Trad. Marcus, Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

CARDOSO, Z. A. *A literatura latina*, São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

FURLAN, M. Brevíssima história da teoria da tradução no ocidente. I Os romanos. *Cadernos de tradução*, UFSC, pp. 11-28, 2001.

CICERO. *Retórica a Herênio*. Trad.: Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra, São Paulo: Hedra, 2005.

_____. De optimo genere oratorum. Trad.: Brunno Gonçalves Veira e Pedro Colombaroli Zoppi. *In Scientia Traductionis*, no. 10, págs. 4-15, 2011. Acesso em 15/08/2018: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/issue/view/1751>

KENNEDY, G. A. *A new history of classical rhetoric*. New Jersey: Princeton University Press, 1994.

OVIDE, in *Corpus poetarum latinorum* (poesia latina metrificada). Acesso em 15/08/2018 - http://carmina-latina.com/crbst_4.html

OVÍDIO. As metamorfoses. Org. Mauri Furlan, Zilma Gessner Nunes. Trad. Claudio Aquati *et al.* Florianópolis: Editora da UFSC, 2017.

QUINTILIEN. *Institution oratoire*. Texte revu et traduit par Henri Bornecque Paris: Éditions Garnier Frères, S.d.

REZENDE, A. M. *Rompendo o Silêncio: a construção do discurso oratório em Quintiliano*. Belo horizonte: Crisálida, 2010.

TÁCITO. *Diálogo dos oradores*. Trad. Antônio Martinez de Rezende e Júlia Batista Castilho de Avellar. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.